



Zé do Verso

Almir Pascale

Zé do Verso: era assim que gostava de ser chamado. Já com seus oitenta e poucos anos, ainda escrevia e vendia seus cordéis. Tudo era motivo para um bom poema — a criação de cabras, o velho burrico, a carne de preá acompanhada da boa farinha de mandioca...

Um dia, sentiu um forte aperto no peito — só deu tempo de ouvir pela última vez o canto do sabiá. Quando acordou, sua casa estava cheia de gente chorosa: o Bastião, a Maria Antonia, Zé da pinga, Dita, Chorão... todos estavam lá. Tinha bolo de milho, café, muita vela acesa, e o velho e cansado corpo repousando num caixão de madeira branca. Sabia que sua hora havia chegado, mas... e os versos? Gostava de escrever sobre a vida na vila, de falar das palmeiras, pássaros, das boas pescarias... Zé do Verso falou para si mesmo:

— Moço, não vou ficar choroso nem vou deixar meu cordel, vou continuar a fazer o que tenho gosto, vou continuar a escrever meus versos e alegrar meu povo.

E assim, a cada amanhecer, um poema era encontrado na porta de uma casa, na parede de outra, no tronco de uma árvore... De início, havia gente com medo, teve reza, benzedeira... mas os versos continuaram e, aos poucos, o povo se habituou. Zé do Verso só seguiu seu caminho quando depois de muitos anos, sua velha vila foi transformada em um lago artificial para abastecer uma hidrelétrica.

O velho se foi, mas em algum lugar ainda escreve seus versos...

Almir Pascale: Paulista (1968) de origem européia (Itália) por parte de mãe; é formado em gestão financeira, participou de antologias e de todas as edições do TerrorZine – Minicontos de Terror; ativista cultural e colaborador do Portal Cranik (www.cranik.com). Publicou recentemente um conto na coletânea *Draculea: O livro secreto dos vampiros* (All Print) Conheça o seu trabalho: www.divulgalivros.org/almirpascale.htm. Contato com o autor: almir_pascale@hotmail.com.

